

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Meire Lúcia de Moura

ENFRENTANDO O PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2010

Meire Lúcia de Moura

ENFRENTANDO O PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane dos Santos Jorge
CO-orientadora: Míriam Lúcia dos Santos Jorge

Belo Horizonte

2010

Meire Lúcia de Moura

Enfrentando o preconceito na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Liliane dos Santos Jorge
CO-orientadora: Míriam Lúcia dos Santos Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Liliane dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Míriam Lúcia dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Maria José Batista Pinto – Faculdade de Educação da UFMG

“Não é no silêncio que os
homens se fazem, mas na palavra,
no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

*“...preconceitos: a gente olha mas não vê,
a gente vê, mas não percebe,
a gente percebe, mas não sente,
a gente sente, mas não ama e,
se a gente não ama a criança ,
a vida que ela representa, as infinitas
possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz,
a gente não investe nessa vida,
a gente não educa e se a gente não educa
no espaço/tempo de educar,
a gente mata, ou melhor,
a gente não educa para a vida;
a gente educa para a morte de infinitas possibilidades.”*

(Azoilda L. Trindade)

A Deus, meu guia...

Meu filho Flávio, que sempre compreendeu minhas ausências...

Minha mãe, sem saber, tem fundamental importância em minha formação...

Aos colegas, em especial Mônica Moura que já no início ofereceu-me uma amizade pura e desprevenida, totalmente sem medidas, tornando-se mais que “irmã”, uma constante parceira; Luci Lobato que tem me ensinado a reconhecer “cheiros” tão bons e que até então, desconhecia; Valéria, depois de anos, reencontro e, novamente, com lições para toda a vida; professores, em especial, Liliane Jorge, que com muita dedicação, auxiliou-me em todos os momentos de “desespero”. Funcionários, em especial Gracinha Bregunci, e todos os demais, pela oportunidade do convívio...

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano de 2009, na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI Cachoeirinha), em uma turma de alunos que tinha entre 2 e 3 anos de idade.

O tema central deste trabalho se deu através do Projeto Raças e Etnias (anexo I) que tinha como principal objetivo mostrar aos pequenos a diversidade cultural e racial existente no mundo e oportunizar a reflexão de atitudes positivas que efetivem a colaboração, a solidariedade e a construção da dignidade pessoal, respeitando as diferenças e os diferentes.

Este trabalho está estruturado em 3 (três) partes.

Na primeira parte, é feita a descrição do contexto em que o Plano foi desenvolvido, apresentando a temática escolhida e sua justificativa teórica, bem como seus objetivos gerais e específicos.

A justificativa discute a necessidade da abordagem, dentro da escola, no início da escolaridade da criança (educação infantil), temas como o preconceito e discriminação racial para promover a construção desse indivíduo, confrontando com outros meios de comunicação e instituições sociais que também abordam o assunto de forma específica e de acordo com seus interesses.

A segunda parte descreve o desenvolvimento das ações abordadas destacando atividades realizadas e voltadas para a formação dos pequenos e para o conhecimento das diferentes raças existentes, na constituição do povo brasileiro e, principalmente, descaracterizar mitos existentes na sociedade, bem como conceitos estereotipados acerca dos mesmos.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos a avaliação juntamente com as considerações finais acerca do Plano de Ação realizado, ressaltando o resultado observado e a necessidade da continuidade de pesquisa acerca do tema.

Palavras-chave: Preconceito racial, Educação Infantil, Família

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 UMEI Cachoeirinha, perspectivas para o trabalho | 11 |
| 1.1.1 Estrutura física e profissionais da UMEI | 13 |
| 1.1.2 Meu trabalho na UMEI | 14 |
| 1.1.3 Sobre o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) | 14 |
| 1.1.4 A turma em que foi desenvolvido o Plano de Ação Pedagógica . | 15 |
| | |
| 2. TEMÁTICA ESCOLHIDA E JUSTIFICATIVA | 19 |
| | |
| 3. OBJETIVOS | 22 |
| 3.1 Geral | 22 |
| 3.2 Específicos | 22 |
| | |
| 4. METODOLOGIA | 24 |
| 4.1 Desenvolvimento | 25 |
| 4.1.1 Primeira fase: “Raças e Etnias” | 25 |
| 4.1.2 Segunda fase: “Educando Sentimentos e Atitudes” | 27 |
| | |
| 5. AVALIAÇÃO | 32 |
| | |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35 |
| | |
| 7. REFERÊNCIAS | 37 |
| | |
| 8. ANEXOS | 38 |
| 8.1 Anexo I Raças e Etnias | 38 |
| 8.2 Anexo II Educando Sentimentos e Atitudes | 46 |
| 8.3 Anexo III Procurando Nemo – a caminho da Cidadania | 49 |
| 8.4 Anexo IV Menina Bonita do Laço de Fita | 50 |

1. INTRODUÇÃO

A intenção de realizar esse trabalho iniciou-se a partir do momento em que li na internet sobre a oferta de curso de Pós Graduação Latu Sensu em História da África e Cultura Afro-brasileira, proposta pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em parceria com a (UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais. Após ler a ementa do curso, percebi que o tema que vinha sendo abordado na escola na qual trabalhava, a UMEI Cachoeirinha, e que já havia acontecido alguns fatos em minha sala de aula, que poderiam ser objeto de pesquisa e reflexão em um curso cuja temática é relevante socialmente.

Em face disso pleitei a vaga, pois percebi que o LASEB tinha como propósito promover a articulação teórico-prática, por meio da elaboração e desenvolvimento, pelos alunos do curso, de um Plano de Ação Pedagógica que contemplava minha intenção inicial. Assim, percebi como seria fundamental para meu crescimento profissional e para a formação de meus alunos iniciar o curso de Pós-graduação em História da África e Cultura Afro-brasileira.

Ingressei no curso em agosto de 2009 e até dezembro do mesmo ano estive trabalhando na UMEI Cachoeirinha. Conclui o ano escolar com a turma bem como os projetos propostos para aquele período. Porém, no final do ano de 2009, surgiu a oportunidade de participar de uma seleção interna na PBH, para trabalhar no AEE (Atendimento Educacional Especializado). Esse novo projeto tem como principal objetivo promover o acesso das pessoas com deficiência na sala de aula, na escola e, conseqüentemente, na sociedade.

Desse modo, optei por sistematizar um Projeto Pedagógico que já estava sendo desenvolvido desde 2008, em função de todos os argumentos expressos acima e acreditando que poderia e ainda posso participar do trabalho que é feito na UMEI Cachoeirinha e, principalmente, por saber que essa é a minha escola de origem e quando surgir a oportunidade eu voltarei à mesma.

A temática central dessa produção são as ressonâncias do preconceito racial nas atitudes da criança pequena em função de ocorrências entre crianças da UMEI Cachoeirinha, que nesse caso, tem idade em média de 4 (quatro) meses a 6(seis) anos de idade. Para o grupo de professoras da turma de 2(dois) a 3(três) anos, o momento de maior relevância foi, sem dúvida, o caso da aluna X, que será descrito mais a frente, e que provocou enorme desconforto em mim e em minhas colegas de

trabalho.

Ao se falar em raça, o sentido do termo pode ser diferenciado para quem diz e para quem ouve; a identidade construída pelos sujeitos é que proporcionará construção de sentido. Diversas são as reações à pergunta acerca de qual é a raça do sujeito, pois a partir do momento que o indivíduo assume sua raça, principalmente a “Negra”, o racismo emerge com muita intensidade.

Vários foram os momentos em que evidenciou-se diferentes reações dos pequenos enquanto era abordado temas sobre preconceito e racismo. Nesses momentos, as crianças respondiam com atitudes nas quais obrigavam-nos a refletir e repensar a prática dentro da escola acerca das proposições curriculares. Na maioria das vezes em que se fala de raça, a visão sempre se remete a “cor da pele” e, nesse sentido, ao ser abordada a “raça negra”, o que vem, no primeiro momento, à mente dos sujeitos é a aparência física. A seguir, ao remeter esse pensamento a cor da pele, a figura do negro é inferiorizada automaticamente. Nega-se, assim, o papel social, histórico e cultural que essa raça exerce na formação do povo brasileiro.

Raça é identidade. A construção desse conceito por parte dos indivíduos deve ser trabalhada nos âmbitos escolares da mesma forma que o racismo foi aprendido nos diferentes espaços e tempos socioculturais. Raças são construções sociais, políticas e culturais, e não da natureza. A prática da intolerância racial tem origem no processo histórico da escravidão e continua sendo atualizada de forma distorcida diante de uma realidade tão explícita. A discussão que deve ser posta em questão é a discriminação e exclusão decorrentes dos conceitos constituídos a partir das diferenças e não da aparência física dos sujeitos. Desnaturalizar essa prática se faz necessário, pois negá-la e não colocá-la em discussão só contribui para reafirmá-la diante da sociedade.

1.1 UMEI Cachoeirinha, Perspectivas para o Trabalho



Fachada da
UMEI
Cachoeirinh
a

A
Unidade
Municipal
de
Educaçã
o Infantil
(UMEI
Cachoeiri
nha)
localiza-

se na rua Conde de Santa Marinha, 370, Bairro Cachoeirinha - Belo Horizonte. A UMEI funciona em prédio próprio, construído com verbas obtidas através de OP (Orçamento Participativo). Sua inauguração ocorreu no ano de 2005 e está vinculada à Escola Municipal Américo Rennê Gianetti (EMARG), que funciona como “matriz” da UMEI. A direção da EMARG também gerencia a UMEI e é composta por uma diretora e duas vice-diretoras, sendo uma delas responsável, exclusivamente, pela administração da UMEI, que tem localização em bairro diferente.

O público atendido pela UMEI Cachoeirinha é de crianças de quatro meses a cinco anos e onze meses. Para os candidatos a uma vaga, há uma inscrição anual seguida de avaliação por parte de núcleos da prefeitura, que buscam priorizar o atendimento àquelas crianças em situação de vulnerabilidade social.



Alunos da UMEI Cachoeirinha em uma passeata em favor da luta contra a Dengue

Crianças de quatro meses a três anos

de idade têm atendimento em horário integral e recebem dos educadores e funcionários cuidados com higiene, limpeza, alimentação, lazer, entre outros, e conhecimento pedagógico para seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo. Já as crianças de três até cinco anos e onze meses recebem atendimento parcial, respeitando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O público da UMEI Cachoeirinha é composto por crianças da região circunvizinha. Muitas destas crianças são oriundas de famílias cujo os pais possuem baixo poder aquisitivo, trabalham para sustentar suas casas e precisam, de fato, da escola para assegurar o dia-a-dia dos filhos. Outras famílias já apresentam melhores condições de vida, os pais demonstram melhor estrutura econômico-financeira. Porém, todos os alunos buscam na escola o mesmo atendimento e a certeza de que o direito à educação infantil de qualidade seja assegurado.

A comunidade escolar concebe a escola como espaço de socialização, participa ativamente das propostas da UMEI; se faz presente em eventos, palestras, reuniões e, em sua maioria, em todos os outros momentos em que são solicitados. Sempre que ocorre um evento, acontece uma efetiva participação da comunidade. Há respeito mútuo e, em geral, o tratamento é cordial e dessa forma percebe-se que família e escola são instituições que trilham o caminho da parceria.

1.1.1 Estrutura física e Profissionais da UMEI

A UMEI Cachoeirinha é composta por cinco salas de aula e um berçário composto por um trocador, banheiros e vestiários com chuveiros; uma sala que funciona como secretaria e direção ao mesmo tempo; um espaço que funciona como “tudoteca” (oficinas de contação de história, leitura, teatro, entre outros); uma cozinha conjugada com o refeitório; quatro banheiros sendo dois deles com chuveiro; um pátio interno com parquinho móvel; outro parque externo de madeira, teatro de arena; área verde, estacionamento.

As educadoras da UMEI Cachoeirinha são, em sua maioria, profissionais formadas em nível superior, ou ainda pós-graduadas. Grande parte trabalha na escola desde a época da inauguração, nomeadas através do primeiro concurso público da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para Educador Infantil. São em número de vinte e oito para atender aos três turnos de funcionamento manhã, tarde e intermediário. Pela manhã há treze (13), no período intermediário quatro (04) e à tarde onze (11). Cada turno de trabalho elegeu uma coordenadora que direciona o trabalho e contribui para a construção da identidade do grupo.

| Educadores da UMEI Cachoeirinha por nível de escolaridade | |
|--|----|
| Curso superior completo | 23 |
| Curso superior em andamento | 05 |
| Nível médio/modalidade normal | 00 |
| Curso superior e pós-graduação | 15 |

Há ainda outros funcionários que cuidam da organização de outras partes do espaço físico. A equipe de profissionais da UMEI Cachoeirinha é composta ainda por uma auxiliar de secretaria, pois a secretária responsável pela escrituração escolar está na EMARG, quatro funcionários que cuidam da limpeza de todo o prédio e também três funcionários que revezam entre si para cuidar da cozinha e alimentação das crianças, observando os horários e a rotina dos mesmos. As crianças de tempo integral fazem quatro refeições na escola, entre café da manhã, lanche, almoço e jantar. Já as crianças que são atendidas em horário parcial, fazem duas refeições diárias na escola.

Tem ainda porteiros e vigias que são em número de quatro e fazem escala de trabalho entre si.

Apesar das diferentes funções de cada pessoa que trabalha na UMEI, uma das filosofias que sempre estiveram intrínsecas é a que todos que trabalham na escola estão à serviço da educação e do bem estar de cada aluno. Todos entendem e exercem seus papéis com sendo fundamentais na formação de cada aluno.

1.1.2 Meu trabalho na UMEI

Fui empossada na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte através do primeiro concurso público para educador infantil da rede. A lotação de Educador Infantil (07/2005) se deu na escola de origem (no meu caso EMARG), mas o trabalho é realizado na UMEI Cachoeirinha. Antes da inauguração desse espaço físico ficamos na EMARG e exercíamos todos os serviços que nos eram destinados, inclusive fora do ambiente escolar.

Com a inauguração do prédio da UMEI Cachoeirinha, iniciamos o trabalho e fui percebendo que esse seria mais um dos que me seduziria. Logo no começo, pude perceber o quão era agradável e gratificante. Iniciamos o trabalho com muita garra, empenho e determinação. Fui lotada no turno da tarde. Há uma harmonia muito grande e uma enorme vontade de executar os projetos, fazendo com que os mesmos, sejam sempre sucesso. E são. Cada um tem melhor desempenho que o outro e a qualidade do trabalho só tende a aumentar.

1.1.3 Sobre o projeto político pedagógica da escola (PPP)

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI Cachoeirinha) visa, de modo geral, consolidar a educação infantil como primeira etapa da educação básica e ressalta a garantia da igualdade de tratamento, do respeito à diversidade, da qualidade do atendimento e da liberdade de expressão.

Para tanto, concebe a prática da educação infantil como algo organizado, que contribua para que os alunos desenvolvam capacidades formativas, possibilitando melhor inserção na vida social. Nesse sentido, sua organização atua no estabelecimento de propostas que integram o educando e suas especificidades.

O PPP da UMEI Cachoeirinha incorpora as diretrizes para a educação das relações etnicorraciais de forma abrangente. Através do conhecimento de manifestações culturais de diversos grupos, com o objetivo de que a criança pequena comece a perceber a diversidade e desenvolva respeito, interesse e participe da construção do conhecimento.

1.1.4 A turma em que foi desenvolvido o Plano de Ação Pedagógica

No momento da implementação do Plano de Ação trabalhávamos eu e uma colega com uma turma (Turma do Peixe) que tinha 16 (dezesesseis) alunos com idade entre 2 (dois) e 3 (três) anos. De acordo com a organização da UMEI, ainda havia mais 2 (duas) colegas que trabalhavam em horário alternativo e exerciam a função de professoras de apoio da turma, por ser a mesma de tempo integral. Nesse sentido, tornaram-se referência para os alunos uma vez que no mesmo dia e, no mesmo horário, estavam acompanhando-os.

A Turma do Peixe era constituída por 8 (oito) meninos e 8 (meninas), no início do ano escolar. A maioria tinha linguagem dinâmica, de acordo com a idade; usavam-na o tempo todo para a comunicação, tanto em rodas de conversa e contação de histórias, quanto nas atividades em sala e de vida diária (pedir para ir ao banheiro, tomar água, brincar, entre outros).



A turma do Peixe em passeio ao Mundo das Águas

Havia uma diversidade de classes sociais, alguns tinham mais acesso à

cultura, esporte e ao lazer; outros viviam em um nível de pobreza extrema. Em muitos momentos era claramente perceptível o sentimento de bem estar dos alunos em relação à escola; em face de receberem o mesmo tratamento e desfrutarem dos mesmos direitos oferecidos pela instituição em consonância com as premissas da Educação Cidadã.

O trabalho com essa turma foi acompanhado desde o berçário e tivemos o privilégio de presenciar avanços, bem como outras conquistas que as crianças demonstraram até aquele momento. Nessa perspectiva era fácil perceber as tristezas e as alegrias de cada um. Poder participar do desenvolvimento dessas crianças nesse período foi muito importante, pois perceber a construção da identidade por parte de cada um, a partir das diferenças de seus colegas foi, sem dúvida, o melhor presente que um professor pode receber ao longo de sua carreira profissional.

O tema central discutido nesse trabalho foi sistematizado a partir de um fato ocorrido em sala que chamou a atenção de nós educadoras para alguns exercícios que tínhamos que fazer conosco mesmas e posteriormente, com nossos alunos.

Ao iniciarmos o projeto “Trabalhando o Dia da Consciência Negra” (anexo IV) deparamo-nos com a rejeição de uma aluna da sala à boneca que havia sido escolhida para ser a protagonista no desenvolvimento do mesmo. Antes de escolher a boneca, escolhemos o livro “Menina Bonita do Laço de Fita”¹.

Para dar vida ao trabalho em sala de aula, procuramos levar para as crianças, de forma bem lúdica, a veracidade da história. Era uma linda boneca de pano, preta e cheia de fitas coloridas na cabeça. Bem parecida com a menina do livro. Foi levada para a sala de aula junto com o livro de história e dentro de uma linda caixa, cheia de corações vermelhos.

Nesse momento percebemos os sentimentos que se configuravam no rosto da aluna X. Parecia que havia um misto de medo, tristeza e aversão em seus olhos. Esse fato chamou-nos a atenção. A aluna X era uma menina negra, de olhos escuros e arregalados. Andava sempre bem vestida e penteada. Seus cabelos, bem crespos, estavam sempre presos, ora de “maria-chiquinhas”, ora com “rabo de cavalo”, ora cheio de tranças, como a menina da história. Ela demonstrava uma

1 Ana Maria Machado, Editora Ática, 1997

familiaridade intrigante com a personagem, mas ao mesmo tempo, deixava transparecer desagrado nessas impressões que lhe eram tão claras. A partir desse episódio, fizemos várias reformulações e propusemos um enfoque diferenciado ao projeto.

Em um dos dias, no qual iniciávamos a contação da história na rodinha, aconteceu outro episódio, ainda mais relevante, e que certamente fez com que mudássemos novamente os rumos do projeto.

No momento que contávamos a história da “Menina Bonita do Laço de Fita”, a mãe da aluna X apareceu na porta da sala, ficou observando e percebeu o comportamento de repulsa, aversão e desagrado da filha enquanto era lida a história. A menina ainda continuava sem querer pegar na boneca, não prestava atenção na história como os outros colegas e só se preocupava em tentar esconder-se e tapar os ouvidos para não ouvir o que a professora lia. A mãe da aluna X deixou a porta da sala e saiu em prantos.

Ao indagar à mãe o motivo de seu choro, ela relatou-me que o ocorrido não a surpreendia, que tais atitudes ocorriam constantemente em sua casa, no seio de sua família. A mãe ainda disse que o relacionamento da menina com as avós era diferenciado. A cor da pele da avó, por parte de mãe, era mais clara. Portanto, a aluna X não tinha receio de assentar-se em seu colo, de brincar, de sorrir... Mas com a avó paterna já não era da mesma forma. Aluna X se negava, terminantemente a chegar perto, a ir no colo. Chorava, esperneava, fazia pirraças; e o pior, sempre tinha o apoio do pai quando tinha tais atitudes. Fiquei ouvindo aquela mãe e tive certeza que os encaminhamentos que estávamos dando ao projeto estavam corretos.

Assim, acreditando na necessidade de aprofundar na questão que surgia e que se tornara ainda mais passível de intervenção, iniciamos o trabalho, com a convicção que, de fato, era nosso papel fundamental enquanto professoras, formadoras de opinião, mediar tais conflitos no sentido de apresentar não só a aluna X, mas a todos os escolares da UMEI Cachoeirinha, conceitos relacionados do assunto e que fariam parte de todo o processo de formação desses indivíduos.

A mãe da aluna X também se dispôs a contribuir com essa etapa do projeto. Para favorecer a aceitação do conteúdo do livro e da boneca por parte da aluna X

em casa, a mãe também comprou o livro Menina Bonita do Laço de Fita e uma boneca preta. Fez o ritual da surpresa em casa, da mesma forma que fizemos na sala, para presenteá-la e envolveu todos da família (mãe, pai, irmã e a aluna X). Tal atitude contribuiu para o fortalecimento e andamento do trabalho.

2. TEMÁTICA ESCOLHIDA E JUSTIFICATIVA

Esse trabalho de pesquisa tem como temática central as ressonâncias do preconceito racial nas atitudes da criança pequena.

A educação infantil é o espaço do lúdico, da brincadeira, do conhecimento, do aprendizado, entre outros, por parte da criança pequena. Nesses momentos, dentro da escola de Educação Infantil, o aluno começa a perceber várias relações com o mundo e interage com diversas possibilidades que lhes são oferecidas. Devido à idade dessa criança, causa estranheza observar que algumas não se relacionam com determinado brinquedo, livro, objeto, entre outros...

Nesse momento, surgem vários questionamentos que o educador deve investigar através de estudos científicos voltados para os casos. Assim, as possibilidades para a compreensão de fatos dessa natureza poderão ser melhor avaliados para que o trabalho com a educação infantil tenha mais êxito.

O preconceito no Brasil é apresentado de forma obscura e velada em todos os meios sociais (família, escola, mídia, televisão, entre outros).

Desde pequena a criança é sujeito de um lugar social carregado de preconceitos e os mesmos, em muitos momentos, são internalizados por ela. São expostas à demonstrações de rejeição de cor, de raça, à partir do seio familiar. A forma de os pais vestirem seus filhos, a convivência com outros grupos da sociedade, os lugares que frequentam, os brinquedos que os pequenos ganham, tudo isso e tantas outras ações permitem que desde pequenas, as crianças comecem a identificar e diferenciar as pessoas, de forma a escolher aquelas com as quais querem conviver e se relacionar. Essas escolhas se dão, muitas vezes, até dentro da própria comunidade familiar. Para Piaget, a fase da infância é o momento em que a criança internaliza e absorve informações e as transforma em conceitos. Nesse sentido o indivíduo apreende conhecimento, revertendo-o em aprendizagem.

Nesse período, a criança também se depara com outros espaços para além do grupo familiar, principalmente a mídia, que influencia os expectadores, induzindo-os a optarem por aquilo que lhes é imposto pelos vários meios de comunicação: rádio, televisão, internet, outdoors, entre outros que, nesse contexto, são formadores de opinião e essas, nem sempre são as mais coerentes.

O pleno desenvolvimento do indivíduo é, sem dúvida, o fundamental objetivo

da escola. Quando, nesse processo de construção da subjetividade a criança chega à instituição escolar, se depara com uma imensidão de informações, conhecimentos, fórmulas, matizes que são introjetadas em sua memória para serem conectadas aos conhecimentos previamente adquiridos fora da instituição. Essa união irá promover a construção de conceitos que conseqüentemente se transformarão em aprendizagem. Isso corrobora com a premissa de que “A educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.”(Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apontam que:

“...é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias...”

Para efetivar essa obrigatoriedade, o governo federal sancionou em março de 2003 a lei 10.639/03-MEC² que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos abordando estudos e pesquisas acerca desses povos. A Lei foi criada em momento de grande relevância para a história desse país. O Brasil é um país extremamente racista. E apesar de o racismo não ser legal (não está na Lei), é socialmente aceito.

O preconceito existe, com grande intensidade nas escolas, de forma explícita

2 O Texto da Lei diz: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares torna-se obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput desse artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

(...)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como o 'Dia Nacional da Consciência Negra' .”

e implícita, advindo, dos profissionais que ali atuam, dos alunos e muita vezes, da própria família. Essa lei objetiva, principalmente, o conhecimento da verdadeira formação da raça brasileira pelos escolares. Entretanto, conseqüentemente, outras informações serão verificadas pelos alunos visto que, se a raça brasileira foi formada a pouco mais de quinhentos anos, várias outras raças que contribuíram para essa formação datam de muito mais tempo. Em muitos casos, não se sabe nem de quanto tempo, apenas que trata-se de um processo histórico de formação de culturas que contribuíram e ainda contribuem mundialmente para a consolidação das sociedades.

Cabe também ressaltar que a Educação tem um papel salutar no trabalho das Ações Afirmativas. Nesse sentido, torna-se necessário enfatizar que é de suma importância que os trabalhos com as questões etnicorraciais sejam iniciados desde a Educação Infantil, com o objetivo de se valorizar a história do negro e sua identidade cultural, promovendo a reeducação das relações etnicorraciais de todos: negros e não negros.

3. OBJETIVO

3.1 Objetivo geral

Fortalecer a identidade étnico-racial da comunidade escolar a partir da reflexão sobre diversidade sócio-cultural na sociedade brasileira com a finalidade de combater o racismo e as práticas discriminatórias dentro da escola. Para tanto, buscou-se promover a implementação da Lei 10.639/03 a partir de reflexões sobre identidade, diversidade cultural e racial e respeito às diferenças, visando despertar e fortalecer a consciência negra através do enfoque das contribuições histórico-culturais das raízes africanas, propondo metodologias para sua divulgação e aplicação no espaço da educação escolar.

3.2 Objetivos específicos

- a) Envolver todos os atores inseridos no processo escolar, nas questões atinentes às temáticas etnicorraciais;
- b) Ampliar o foco da concepção de “Currículo”, na perspectiva de ir além das disciplinas integrantes do currículo escolar e direcioná-lo no sentido da exposição e discussão de questões até então silenciadas: éticas, políticas, econômicas, sociais e étnico-raciais, incluindo as contribuições histórico-culturais de nossas raízes africanas;
- c) Produzir materiais didáticos que possam ser utilizados em sala de aula, na perspectiva de se promover a interação do sujeito negro com o meio social, a construção de conhecimento e de identidade social positiva em relação aos afrodescendentes, o respeito às diferenças etnicorraciais e os demais temas correlacionados à educação etnicorracial;
- d) Reconhecer nossas origens e afirmar a identidade afrodescendente e cultural, tendo como ponto de partida as nossas descendências familiares, bem como as nossas raízes africanas;
- e) Valorizar as características étnicas das crianças afrodescendentes, possibilitando sua identificação com sua cor, a partir do princípio do respeito às diferenças e do fortalecimento da auto-estima;
- f) Apontar traços da cultura africana nas mais diversas vertentes da cultura brasileira, promovendo o diálogo da comunidade escolar no que diz respeito às questões etnicorraciais;

- g) Identificar situações de preconceitos raciais existentes no espaço escolar, bem como fora dele;
- h) Promover ações que respeitem a diversidade de manifestações de natureza etnicorracial.

4. METODOLOGIA

O trabalho das educadoras na UMEI Cachoeirinha é sempre direcionado por projetos pedagógicos que contemplam a necessidade e a obrigatoriedade do ensino na rede pública de educação. Sempre cria-se aquele que é institucional e, a partir dele redimensiona-se, considerando especificidades da turma. Assim, surgem no decorrer do trabalho, subprojetos para contemplar e complementar o pleno desenvolvimento do trabalho.

O projeto pedagógico foi desenvolvido em três fases ou subprojetos, conforme o quadro abaixo sintetiza:

| PROJETOS/ Etapas ou fases | ATIVIDADES |
|---|---|
| Raças Etnias Período: fevereiro/2008 à dezembro/2008 (Institucional) | - Festa Junina temática; - Festa da Família; - Chá temático ao final do ano. - Elaboração de portfólio |
| Educando Sentimentos e Atitudes Período: fevereiro/2009 à dezembro/2009 (Institucional) | - Teatro; - Pintura e confecção de bonecas; - Confecção de almofadas; - Mostra de trabalhos, entre outros. |
| Procurando Nemo – a caminho da cidadania Período: Março de 2009 à dezembro/2009 (Institucional) | - Assistir ao Filme “Procurando Nemo” dividido em quatro etapas; - Conversa em rodinha sobre o filme; - Confecção de Banner sobre o filme; - Colorido e pintura de imagens sobre o filme; - Visita ao “Mundo da Águas”; - Confecção de caderno com etapas do filme; - Teatro, exposição de trabalhos das turmas |
| Trabalhando o Dia da Consciência Negra Período: agosto/2009 à dezembro/2009 (Turma de Peixe) | - apresentação da boneca e do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”; - leitura em rodinha do livro durante o processo de construção do projeto; - confecção da boneca com papel e tinta; - danças e músicas típicas para o projeto; - confecção de almofadas com o desenho do rosto da Menina do livro, entre outros; |

4.1 Desenvolvimento

A necessidade da abordagem do tema **preconceito** na UMEI Cachoeirinha surgiu, como em tantas outras escolas, em face de as crianças da educação infantil se conscientizarem sobre o assunto. Discutir a questão racial é necessário, no mundo contemporâneo e globalizado. A escola deve inserir essa prática desde a educação infantil, pois no mundo no qual vivemos, essa iniciação e percepção da existência do preconceito ocorrerá antes mesmo da inserção da criança na escola.

Diversos autores preconizam a importância de discutir a questão racial desde a infância para que, já nesta fase de desenvolvimento, os alunos iniciem a compreensão de que deve haver respeito e tolerância entre os povos não importando raça, cor, sexo, etnia e condição social. Considerando as palavras de Kabengele Munanga: *“Dentre tantas características do modelo racial brasileiro, a ambiguidade é uma delas. Combatê-la, sim. Estigmatizá-la, não conduz a lugar algum.”* Munanga (1996).

Em muitas turmas e com muitas crianças, percebeu-se a urgência de uma intervenção consistente, coerente e que respeitasse a idade escolar dos alunos, pois a UMEI Cachoeirinha atende crianças de 0 a 6 anos de idade. Era necessário remodelar o currículo, de forma que fossem atendidas todas as áreas do conhecimento e que envolvesse todos os atores naquele cenário.

4.1.1 Primeira fase: “Raças e Etnias”

Os educadores da UMEI Cachoeirinha se reuniram e criaram um projeto institucional que envolveu alunos, professores e funcionários da escola. O projeto denominado “Raças e Etnias” (anexo I) surgiu da necessidade observada pelos profissionais da UMEI de se trabalhar “as diferenças e os diferentes” dentro e fora da instituição. Esse projeto foi criado no ano de 2008 e iniciou de forma tímida. No mês de maio, quando já havia sido totalmente idealizado e redigido, ressoou também na festa junina e, assim, surgiu a ideia de organizá-la em função das proposições do projeto.

A festa junina sempre é uma festa que envolve todos na escola, de modo geral. Ao se fazer a pesquisa e descobrir que as festas juninas surgiram em

consequência do “*solstício de verão*”³, evento que acontece na Europa, Norte da África e Oriente Médio. Nesse período, os povos celtas, bretões, sardenhos, bascos, persas, egípcios, sírios e sumérios, realizavam rituais de fertilidade para favorecer o crescimento da vegetação e a fartura das colheitas. Esses eventos eram denominados “Festa da Colheita”. A igreja Católica adaptou a festa de São João (24/06) como sendo o dia do *solstício* para a religião.

Assim, através de pesquisa e oportunidade de trabalho com tantas etnias e culturas diferentes, pode-se despertar nos pequenos o desejo de uma festa diferenciada com danças, músicas, vestuário diversos, oportunizando, no entanto, a mesma alegria vivenciada em outros momentos juninos da escola.

O evento expandiu os muros escolares, pois todas as atividades envolviam os alunos em sala de aula e em suas casas, com a participação da família. Foram realizados trabalhos que culminaram em apresentações feitas pelas crianças e exibidas à comunidade escolar.

O projeto abordou temas que perpassavam várias culturas e de todos os continentes. Em face do trabalho e das descobertas feitas por eles, houve a necessidade de se fazer alguns recortes para atender, de fato, à demanda do tema inicial desse Plano de Ação: **o preconceito**.



Mostra de Trabalhos dos alunos da UMEI Cachoeirinha (2009)

³ Na astronomia, **solstício** (do latim *sol* + *sistere*, que não se mexe) é o momento em que o Sol, durante seu movimento aparente, na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador.

As atividades foram recorrentes até o fim do ano e culminaram com outras apresentações na festa da família. O material foi reunido em forma de portfólio e entregue às famílias no final do ano.

4.1.2 Segunda fase: “Educando Sentimentos e Atitudes”

No ano seguinte (2009), iniciamos com o projeto “Educando Sentimentos e Atitudes”, que foi o institucional daquele ano, dando prosseguimento aos trabalhos do ano anterior. Esse projeto também tinha como objetivo principal a abordagem das diferenças em meio aos diferentes, dessa vez abordando a inclusão das pessoas com deficiência. Durante esse projeto, surgiu um subprojeto denominado “Procurando Nemo- à caminho da cidadania”, no qual foi utilizado o filme “Procurando Nemo” que trata dessa questão de forma bastante criativa e divertida, com uma linguagem própria para a idade (2 a 3 anos), proporcionando a abordagem de forma que a turma pudesse compreender o conteúdo e apreender os conceitos e conhecimentos ali impressos. Durante a execução do projeto surgiram, entre as crianças, questões etnicorraciais, tais como a cor da pele, o cabelo, o contorno da narina, entre outros, e que não poderiam deixar de serem abordadas, por se tratarem de temas pertinentes à formação do indivíduo e a promoção do respeito às diversidades.

4.1.3 Terceira fase: “Procurando Nemo – a caminho da cidadania”

O aluno da educação infantil necessita de esclarecimentos bem consistentes acerca das dúvidas que lhe surgem. A película utilizada para esse projeto expõe deficiências como: o Nemo (peixe palhaço) tem uma nadadeira menor que a outra; a Rosa (o polvo) tem alergia a água; a Dory, possui perda da memória recente; o cavalo marinho, tem alergia a água. Para uma criança, na hora da abordagem das deficiências presentes no filme, de enumerá-las e conceituá-las, a pessoa negra também se encontrava na lista de expectativas para algum possível esclarecimento acerca de suas supostas diferenças. Esse é um momento muito delicado para o professor, pois ao mesmo tempo que lhe é fundamental intervir, de forma significativa, ao ponto de desmistificar quaisquer dúvidas na criança sobre a origem da raça e a cor da pele do indivíduo, ressaltando, no entanto, a cor da pele como

característica intrínseca ao ser humano, é fundamental também fazer interferências sobre a questão da pessoa com deficiência, suas necessidades, dificuldades, mas, principalmente, seus direitos. Dessa forma, os alunos puderam transpor a diversidade animal explicitada no filme à diversidade humana e social.



Alunos da Turma do Peixe em atividade de pintura com pincel

4.1.4 Quarta fase: “Trabalhando o Dia da Consciência Negra”

Nesse sentido, nós educadoras da turma de 2(dois) a 3(três) anos (Turma do Peixe), definimos a abordagem do tema a partir de outro projeto de intervenção “Trabalhando o Dia da Consciência Negra” (Anexo IV), utilizando, dessa vez, um livro de literatura infantil denominado ***Menina Bonita do Laço de Fita*** de Ana Maria Machado.



Fonte: Internet Google

Com o objetivo de promover interação entre os alunos, aguçar a curiosidade dos mesmos, e promover o interesse no início pelo projeto, adquirimos o livro que foi colocado dentro de uma linda caixa de presentes, cheia de grandes corações vermelhos e com um grande laço de fita da mesma cor. Acompanhado do livro, dentro da mesma caixa, havia também uma linda boneca preta, com um maravilhoso vestido vermelho, cheio de bolinhas brancas e com o cabelo coberto de laços de fitas coloridas.

A abordagem foi feita de forma bastante impactante e cheia de surpresas. Chegamos na rodinha com a caixa lacrada e perguntando para as crianças acerca do que havia dentro da mesma. Indagávamos a todo o tempo com o objetivo de incentivar a oralidade dos pequenos, aguçar a curiosidade e promover as suposições, as expectativas, as deduções para uma possível descoberta sobre o assunto da caixa. Eles pegaram na caixa, balançaram-na, ouviam o barulho que a mesma emitia e deduziam a todo o tempo. Uns diziam que era uma bola, outros que era carrinho, e ainda outros, que tinha barulho de chocolate, e é óbvio, tivemos também aqueles que disseram que era uma boneca. Ficamos ali, naquele momento de expectativa por alguns longos minutos, que em nossa avaliação foram tão importantes, pois as crianças tiveram a possibilidade de levantar hipóteses e conferi-las, ao mesmo tempo.

Abrimos a caixa e mostramos o que havia dentro. Nesse momento, vimos alguns rostos maravilhados, deslumbrados, encantados com o que viam. Outras faces mostravam-se assustadas, amedrontadas, não demonstravam interesse naquilo que estavam assistindo, e ainda outras faces que não esboçaram qualquer reação. Ficou a impressão que se pudessem, levantariam e sairiam da sala.

Em meio a esse momento composto mistura de êxtase, alegria, medo, indiferença, uma das crianças disse, em alto e bom som, que a boneca se parecia com uma colega da sala. Muitos colegas concordaram com a colocação dessa aluna. Continuaram suas considerações em relação a surpresa, demonstrando a mais pura inocência. Folheavam o livro com atenção, olhavam para as gravuras com alegria e satisfação, tocavam a boneca, um a um, observando cada detalhe daquele brinquedo que na mesma hora identificaram “é a Menina Bonita do Laço de Fita”. As reações do início de medo, espanto, já haviam se dissipado, todos compartilhavam, ao mesmo tempo, de alegria, curiosidade, interesse... Apenas uma criança (uma menina) não demonstrava nenhum contentamento. Era a única criança negra da

sala.

Nesse momento entendemos que era a hora de lermos, pela primeira vez, a história da Menina Bonita do Laço de Fita. Essa primeira leitura foi feita por mim e enquanto lia o livro, observava os rostos, as expressões de cada uma das crianças. Havia um misto de sentimento estampados em cada face, naquele momento. Cada página lida era um encantamento. As crianças estavam o tempo todo atentas à leitura e às gravuras mostradas, página por página. Faziam comentários sobre as mesmas, de como eram lindos os laços de fita na cabeça da menina, por exemplo; de como eram lindos os coelhos, cada um de uma cor diferente; e ainda, de como era linda a mãe da menina. Durante toda a leitura houve participação das crianças, mas aquela criança que não demonstrou contentamento lá no início, continuava com expressão ainda pouco agradável.

Após esse momento, diariamente, durante o período de desenvolvimento do projeto, era feita a leitura da história da Menina Bonita do Laço de Fita. Assim, a compreensão do texto foi ficando, mais significativa para as crianças.

Durante o processo foram construídos pelos alunos muitos trabalhos como almofadas decorativas que tinham como enfeite o rosto da boneca preta, com cabelos de linha e pintado com tinta; desenhos, que traziam consigo o colorido e a colagem de papel na roupa da boneca; apresentações feitas pelos professores e alunos, os quais foram apresentados também aos pais, bem como jogos e outros. Pudemos, então perceber que os alunos, apesar da faixa etária, sabiam perfeitamente o significado de cada objeto. Esse processo foi ressignificado nas atitudes dos alunos. Em face da forma com que tratavam colegas e professores em sala e fora dela, em como abordavam o professor para pedir algo como ir ao banheiro, tomar água, pegar ou guardar um brinquedo; na chegada e na saída da escola, na hora do lanche, entre outros.

As atividades propostas e pensadas a partir das condições de produção da turma, e de acordo com a idade escolar dos pequenos constituíram o material para a Mostra de Trabalhos da Turma do Peixe que aconteceu no final do ano letivo, na sala de aula e com a presença dos familiares das crianças.

A Turma do Peixe em vista à Mostra de Trabalhos





5 AVALIAÇÃO

O curso de História da África e Cultura Afro-brasileira entra em cena no âmbito educacional em momento oportuno, devido à percepção da necessidade de intervenção em situações de preconceito que ocorrem na escola e fora dela, com alunos e professores que reafirmam atitudes discriminatórias, evidenciando o desconhecimento da formação da raça brasileira e o desrespeito à diversidade e a garantia da cidadania.

O curso de especialização em História da África e Cultura Afro-brasileira objetiva a cumprir o que determina a Lei 10.639/2003 que aponta para a obrigatoriedade da inserção de elementos da africanidade no currículo escolar brasileiro⁴. Tais estudos objetivam o conhecimento da história da África e dos africanos e a importância dos mesmos na consolidação da raça brasileira. Tais estudos contribuem para a formação do docente afim de que o mesmo esteja apto ao enfrentamento do preconceito.

Autores como Santos (2009), Pereira (2007), Santos (2007) expõem que a formação de professores para conhecer e aplicar a Lei, dentro dos parâmetros e normas por ela estabelecidos é necessária. Conhecer e interpretar leis são dois conceitos bem distintos. Há profissionais que entendem que aplicar a Lei 10.639/2003, por exemplo, é simplesmente acrescentá-la ao currículo. Porém, e de acordo com Santos (2007), já citado acima, observar o objetivo primordial da Lei 10.639/2003 de “educar para a igualdade racial” vai muito além que simplesmente alterar o currículo. Nesse sentido, Santos (2009) defende que “o objetivo da Lei é reposicionar o negro e as relações raciais no mundo da educação”. Isso significa que é urgente reformular o conteúdo e revê-lo e, conseqüentemente, redimensionar a prática e a postura pedagógica dos sujeitos formadores de opinião inseridos no contexto escolar. Essa visão deve pertencer não somente a professores de História e áreas afins, mas a todos os envolvidos na construção de uma prática pedagógica de qualidade e que definam como missão da escola a formação de sujeitos de valor e que saibam valorizar o outro.

4 Compreende ao conteúdo que é inserido à formação escolar do aluno, respeitando sua cultura, regionalidade, entre outros. Cabe ressaltar que a formação do povo brasileiro é de interesse amplamente nacional. (grifo meu)

Desde pequena a criança deve conhecer suas origens. E cabe ao adulto oferecer proporcioná-la condições de apropriar-se deste conhecimento. Sabemos que a

família é a primeira instituição que a criança conhece e convive. Ela é o palco da introdução desse grande teatro que é a vida. Hoje, no entanto, a criança chega no espaço escolar ainda, muito pequena e, às vezes, no berço. Nesse sentido, vemos a importância da escola nessa formação, pois como já foi dito anteriormente, é na infância que se inicia esse processo de aquisição de valores morais e éticos.

A interferência feita por nós professoras da UMEI Cachoeirinha na época em que a aluna X demonstrou, diante das sala, preconceito em relação ao recurso material (boneca preta de pano e livro de história) para iniciar o projeto “Trabalhando o dia da Consciência Negra” foi de fundamental importância para que eu pudesse iniciar o estudo acerca das questões que compreendem a diversidade etnicorracial. Quando, na educação infantil, acontecem momentos que favorecem intervenções a tempo e hora, principalmente na infância, o indivíduo tem a oportunidade de reconhecer e compreender a infinidade de pessoas, grupos, raças, etnias e culturas que formam a nação, podendo, no entanto, aprender a respeitar a diversidade.

Na época, fizemos várias intervenções e as avalio de forma positiva, pois os sentimentos que pertenciam a aluna X no início do desenvolvimento do projeto, de fato, não eram os mesmos da culminância. A aluna estava mais receptiva e recebia com mais tranquilidade as atividades e a materialidade proposta. Foi possível perceber também que se apresentava mais feliz e se entrosava com as atividades e com os colegas. No final, seus trabalhos tinham tamanha importância para ela que exibia satisfação em expô-los aos olhos de quem visitava a Mostra de Trabalhos.

Hoje, decorridos 2 (dois) anos, tentei conversar com a mãe da aluna X para buscar informações sobre o comportamento da mesma e de saber se as intervenções contribuíram, de fato. Porém, minhas buscas não renderam muitos frutos, pois a mãe mudou-se com a filha para o estado da Bahia. Soube dessa informação pelo pai. Confesso que tive receio em perguntar algo a ele porque não sabia qual seria sua reação depois de tanto tempo. Assim, acredito que meu trabalho não para por aqui e deixo o convite para quem ousar continuar essa pesquisa e possa, no futuro, trazer outras informações sobre o tema.

Contudo, acredito no trabalho desenvolvido e, com convicção, posso afirmar que se antes do LASEB podia fazer intervenções construtivas diante de um tema tão polêmico e longe de adquirir soluções definitivas, hoje me sinto mais preparada para intervir e abordar questões que se referem ao preconceito, principalmente no quesito cor da pele.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é o momento na vida dos escolares no qual toda a informação curricular que lhe é oportunizada é “apreendida” da forma mais completa e pura. É um período de aprendizado raro no qual todos os momentos são essenciais, ou seja, educar a tempo e hora contribuirá para a formação cidadã.

Nenhum indivíduo nasce com saberes formatados. Esses conhecimentos tornam-se ativados a partir do seu nascimento. A ele é apresentado, de forma gradativa, toda a variedade de conceitos, valores, regras para a convivência social, entre outros. É também nesse período que os sentimentos são despertados e compreendidos, tornando-se parte integrante da pessoa. Assim, esse também é o período em que se define nesse sujeito o caráter, a ética, o respeito pelo próximo e pela sociedade.

Desde pequena a criança deve conhecer suas origens. E cabe ao adulto oferecer a ela, condição de apropriar-se desse conhecimento. Sabemos que a família é a primeira instituição que a criança conhece e convive. Se constitui como instância fundamental para a inserção de indivíduo no contexto social. Hoje, no entanto, a criança chega no espaço escolar ainda muito pequena. Nesse sentido, ressalto a importância da escola nessa formação, uma vez que é a infância elemento ativador da subjetividade.

Apesar de chegar na escola com conceitos pré-estabelecidos, o aluno da educação infantil possui uma enorme capacidade de reabsorver conhecimentos e poder de apropriação de novos conceitos. Explorando essa habilidade, o professor deve usufruir dessa condição de pequeno aprendiz e introduzir conceitos que sejam relevantes e pertinentes aos temas abordados com o objetivo de formar essa criança para ser agente transformador da sociedade em que vive.

Acredito na importância da educação infantil, pois esse período constitui como etapa fundamental na formação do educando. A partir de estudos feitos durante a minha vida acadêmica, bem como de pesquisas teóricas sobre diversos autores (FREIRE, PIAGET, VIGOTSKY, entre outros) que tratam questões acerca dessa etapa de formação do indivíduo, da experiência que obtive durante meu processo de construção profissional e, também, através de relatos de experiências de colegas em diversos espaços de trabalho que ocupo e já ocupei durante minha carreira profissional, percebi e afirmo que a criança que cursa a educação infantil tem um

desempenho escolar diferenciado e infinitamente melhor do que aquelas que não tiveram essa oportunidade. Então, se hoje a garantia do acesso e permanência na educação infantil ainda não é de direito, acredito que em breve essa certeza também fará parte do pensamento dos governantes e, principalmente, da sociedade.

7. REFERÊNCIAS

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília/DF. Junho de 2005.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Lei Federal 10.639/2003. Brasília/DF. Janeiro de 2003.

MUNANGA, Kabengele (org.) Estratégias e políticas de combate à discriminação racial. São Paulo: Ed. Univ. de São Paulo. Estação Ciência 1996. p. 75-78.

PEREIRA, Amauri. Quem não pode atalhar, arroteia!: reflexões sobre o desafio da práxis dos educadores agentes da Lei 10.639/03. Trabalho apresentado no 30.º Encontro Anual da ANPUR. Caxambu, 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos. O ensino de Geografia do Brasil e as Relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. *In* (Org.) “Diversidade, Espaço e Relações Étnico Raciais: O Negro no Ensino de Geografia”. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007a.

_____ (Org.) “Diversidade, Espaço e Relações Étnico Raciais: O Negro no Ensino de Geografia”. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007b.

SANTOS, Renato Emerson dos. Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro. Trabalho apresentado no XII encontro de Geógrafos da América Latina-EGAL. Montevideú, 2009.

TEDESCO, Juan Carlos & FANFANI, Emílio Tenti. Novos docentes e novos alunos. Argentina.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Filme “Procurando Nemo”. Direção: Andrew Stanton, Pixar Produções.

ANEXO I

**PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE UNIDADE MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO INFANTIL-UMEI CACHOEIRINHA**

ROSILENE DORNELAS MATOS RIBEIRO

PROJETO RAÇAS E ETNIAS

JUSTIFICATIVA

Sabe-se que o princípio estruturador das ações e projetos pedagógicos é a “igualdade” como base. A igualdade pressupõe semelhanças e diferenças, mas não contempla a inferioridade, que é uma marca do preconceito e da discriminação. É preciso enfatizar que somos todos humanos: esta é a verdade que a antropologia revela, demonstrando também que o conceito de raça, do ponto de vista antropológico, é uma construção social. Nessa perspectiva, não existem raças diferenciadas que devam ser dispostas numa escala de inferior a superior.

Porém, sabemos que reconhecer e respeitar o outro é mais do que um discurso antropológico, é um desafio que se coloca historicamente para a humanidade e que não podemos recusar. É preciso ampliar a memória para que nossos alunos possam construir a noção de sua própria identidade. Para isso, deve-se proporcionar um encontro entre as informações que os alunos têm sobre a vida, seus antepassados, sua história. É necessário que eles entendam a identidade do povo brasileiro, para que “barreiras artificiais e insensíveis” sejam rompidas desde cedo para que as crianças cresçam sabendo valorizar e respeitar todos os tipos de raças e culturas que fazem parte do seu povo.

“Segundo Oliveira, considerada em si mesma, a diversidade não apresenta, à priori, problemas para a humanidade. Entretanto, a partir do momento em que na interação social as diferenças passam a ser objeto de atribuição de significados, hierarquizando a espécie humana, surge a discriminação que, dando origem a desigualdade, torna-se impedimento para a justiça.”

É preciso ter em mente que ninguém avança na busca de uma solução para algo problemático sem passar por uma rica e ampla exploração. Por isso, esse projeto visa entender e vivenciar as diversas culturas que influenciam a identidade do povo brasileiro. Este, não estará mexendo apenas com informações sobre a questão/temática étnico /racial. Lidaremos com sujeitos concretos, com construção de identidade.

Pensar o mundo-nomear o mundo, como dizia Paulo Freire- é agir sobre ele. É uma entre tantas formas de ação que podemos começar a desencadear, nesse desafio de realizar a convivência entre as “diferentes diferenças”.

Portanto, esse projeto objetiva entender e vivenciar as diversas culturas que influenciam a identidade do povo brasileiro e para isso, iremos trabalhar o povo: NEGRO, INDÍGENA, ASIÁTICO, EUROPEU.

OBJETIVOS

2. Proporcionar oportunidades variadas e significativas de leitura, pesquisa e produção de texto, assim como desenvolvimento do raciocínio, da criatividade e do senso crítico;
3. Promover atividades que ajudem a refletir atitudes positivas de colaboração, solidariedade e construção da dignidade pessoal;
4. Desenvolver atividades que levem a construir conhecimentos históricos, geográficos, literários, artísticos e culturais que auxiliem na construção da cidadania;
5. Situar os seres humanos quanto as suas diferenças sociais, culturais, econômicas e raciais;
6. Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações evitando-se qualquer posição discriminatória baseada em diferenças culturais, de classe, crença, sexo, etnia ou outras características individuais ou sociais;
7. Promover práticas educativas culturais que possibilitem aos alunos a assunção positiva de sua identidade racial e todos os alunos, o desenvolvimento de atitudes positivas de respeito às diferenças.
8. Refletir sobre os documentos oficiais que tratam os direitos humanos.

METODOLOGIA

1. Texto: "Educação Infantil" para leitura e discussão;(para educadores)
 2. Textos informativos que auxiliem o professor a respeito da das relações sociais:
 - Relações raciais e educacionais
 - Diretrizes curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira
 - Na cor da pele.
- ✓ Pesquisar os costumes, origens, vestuário, alimentação e história das culturas propostas;
 - ✓ Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações através de livros literários(ex: Sou preta da linda cor, Menina bonita do laço de fita, Menino Nito, Bichos da África, Dito o negrinho da flauta, Biton, dentre outros);
 - ✓ Confecção dos mascotes das salas: Boneca Asiática: Aina, Boneca Europeia: Flor, Boneco Indígena: Abaré, Boneco Africano: Akiiki;
 - ✓ Músicas, filmes;
 - ✓ Danças típicas;
 - ✓ Dinâmica do espelho/auto - retrato;
 - ✓ Brincadeiras e jogos de acordo com as culturas;
 - ✓ Enfeites diversos relativos às culturas;
 - ✓ construção das moradias de cada etnia;
 - ✓ Trabalhos artísticos, referente às etnias;
 - ✓ Entre outras...(a critério das educadoras).

CRONOGRAMA

| | |
|-----------------|---|
| 4/02/08 | Sorteio raças/etnias por turmas Culturas: Indígena: Berçário, 1 a 2 e 3 a 4 Africana: turma 2 a 3 Asiática: 4 a 5 anos Europeia: turma 5 a 6 |
| 11/03/08 | Entrega do texto "Educação Infantil" para leitura e discussão |
| 31/03/08 | Entrega do Projeto Institucional para as educadoras |

| | |
|--------------------|---|
| 4/02/08 | <p>Sorteio raças/etnias por turmas</p> <p>Culturas: Indígena: Berçário, 1 a 2 e 3 a 4</p> <p>Africana: turma 2 a 3</p> <p>Asiática: 4 a 5 anos</p> <p>Europeia: turma 5 a 6</p> |
| 1/04/08 | <p>Rodas de conversas em sala sobre o descobrimento do Brasil, para preparação e compreensão do teatro de abertura do projeto.</p> <ul style="list-style-type: none"> - moramos em um país chamado Brasil;(mostrar o mapa) -existem outros países no mundo (dar exemplos, mostrar o mapa e explicar sobre as diferentes línguas, costumes...) - falar da chegada desses outros povos no Brasil; |
| 4/04/08 | <p>_Abertura oficial do projeto: teatro sobre o descobrimento do Brasil, a chegada dos mascotes durante o teatro e entrega dos mesmos para as turmas correspondentes</p> <p>_ Festa para apresentação dos mascotes e seus referidos nomes;</p> <p>_ Construção da oca do índio: Abaré, mascote indígena, receberá todas as turmas em sua oca e oferecerá comidas típicas</p> |
| Mês de maio | <p>-Cada turma estuda sua cultura através de filmes, brincadeiras, histórias, textos etc.</p> <p>_trabalhos artísticos referentes às culturas</p> |

| | |
|------------------------|--|
| 4/02/08 | Sorteio raças/etnias por turmas Culturas: Indígena: Berçário, 1 a 2 e 3 a 4 Africana: turma 2 a 3 Asiática: 4 a 5 anos Europeia: turma 5 a 6 |
| | _ Início dos ensaios das danças típicas para festa junina. |
| Mês de junho | _Preparação para a festa junina, _Construção de bandeiras com informações de cada cultura, _Ensaio das danças _ Festa Junina |
| Mês de agosto | _Olimpíadas 2008 _ Circuito de Brincadeiras típicas |
| Mês de setembro | _Preparação de materiais artísticos, referentes à cultura para Mostra Plural, (cerâmicas, máscaras, livros, brinquedos, etc... _ Início das visitas dos mascotes nas outras salas para troca de informações, com o objetivo de levar para as outras salas um pouco de cada cultura. (nesse momento cada turma receberá um mascote e passará um dia com ele. Trabalho realizado durante todo o mês) |
| Mês de outubro | _ <i>Início das visitas dos mascotes nas casas das crianças. Será enviado um caderno com informações sobre a cultura do</i> |

| | |
|------------------------|--|
| 4/02/08 | Sorteio raças/etnias por turmas Culturas: Indígena: Berçário, 1 a 2 e 3 a 4 Africana: turma 2 a 3 Asiática: 4 a 5 anos Europeia: turma 5 a 6 |
| | <i>masquete e neste caderno terá um espaço para a criança desenhar o dia do mascote em sua casa e um espaço para a família escrever sobre a visita e sobre o projeto realizado,</i> <i>_Festa do dia da criança com decoração referente às culturas</i> |
| Mês de novembro | _Continuação das visitas dos mascotes nas casas das crianças, _Oficina no pátio para confecção de colares, cerâmicas pintadas, brinquedos... |
| Mês de dezembro | _ Comemoração do aniversário dos mascotes e encerramento do projeto. |
| | |

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ DVD,
- ✓ SOM E CD'S,
- ✓ FANTASIAS,
- ✓ LIVROS, JORNAIS, REVISTAS,
- ✓ INTERNET,
- ✓ SUCATAS,
- ✓ FOTOGRAFIAS,
- ✓ PAPÉL, LÁPIS, CANETINHAS, GIZ DE CERA, TINTA, BROCAL, ENTRE OUTROS,
- ✓ CARTAZES

- ✓ CERÂMICAS
- ✓ BAMBU
- ✓ FOLHA DE BANANEIRA
- ✓ TNT
- ✓ PAPELÃO
- ✓ TECIDOS
- ✓ CADERNOS
- ✓ ENTRE OUTROS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Roberto Emerson câmara. A África está em nós: história e cultura afro-brasileira. João Pessoa, PB:Ed.Grafset

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo:Ed.Revistas dos tribunais, 1988.

BRASIL, Lei nº 9.394.LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Lei nº 8.069-Estatuto da Criança e do Adolescente, 13 de julho de 1990. D.O.U. 16/07/1990.

CAVALLEIRO, Elaine. Do silêncio do Lar ao silêncio escolar:racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.

LIMA, Edy. Índio cantando em prosa e verso. SP: Ed. Scipione, 1997.

LODY,Raul Giovanni da Motta. Cabelos de Axé: Identidade e resistência. RJ: Ed. Senac Nacional, 2004.

PAIXÃO, Marcelo J.P..Desenvolvimento humano e relações sociais. RJ: D&A, 2003.

ANEXO II

PROJETO EDUCANDO SENTIMENTOS E ATITUDES

JUSTIFICATIVA

Diante das vivências cotidianas, tanto no âmbito escolar como no familiar, percebemos a grande deficiência na internalização de valores morais, éticos e humanos.

Vivemos numa sociedade com valores invertidos, onde o que antes era considerado moral e ético passou a ser banalizado por não trazer tantas “vantagens”. A ausência desses valores resultam em comportamentos exageradamente competitivos e desprovidos de afeto.

Dentro desse contexto social que vivemos, podemos ver que além da família, a escola tem um papel fundamental na inserção de valores na vida das crianças. Especificamente na escola, a criança demonstra sua maneira de lidar com regras, limites e respeito ao próximo.

Focando na educação infantil, o trabalho com valores significa favorecer a construção de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários ao seu caráter, trazendo princípios que fundamentam a boa convivência, o respeito ao próximo e a si mesmo, a disciplina, a solidariedade, o altruísmo, objetivando assim contribuir para o crescimento como pessoa ética, segura, humana, realizada e feliz.

As experiências interativas não se desenvolvem na criança independentemente, mas desenvolvem-se mediante as relações práticas e verbais que existem entre elas e as pessoas que as rodeiam.

É importante considerar que é preciso que a escola contribua para a formação de um sujeito autônomo capaz de lidar e aprender com as relações sociais, articular,

de forma crítica e ativa, questionando, refletindo, influenciando e sendo influenciado pelas ocorrências do seu ambiente, construindo e reconstruindo as experiências que vive tanto no plano individual quanto coletivamente.

OBJETIVO

- Inserir valores morais e éticos na vida da criança e sensibilizar o corpo docente a resgatar esses valores no cotidiano escolar, visando contribuir para a formação de caráter dos mesmos;
- Trabalhar as boas maneiras(respeitar, ser solidário, agradecer, ajudar, pedir desculpas, cumprimentar);
- Estimular atitudes conscientes;
- Estimular a auto-confiança, autonomia...

METODOLOGIA

Trabalhar valores como respeito ao próximo, as diferenças, amizade, solidariedade e limites através de contos, brincadeiras, filmes infantis,fantoches, dinâmicas, rodinhas de conversas, desenhos...

ESTRATÉGIA

Esses conteúdos serão trabalhados através de encontros quinzenais realizados pelas coordenadoras, textos informativos enviados para os pais quinzenalmente e palestras educativas realizadas por profissionais no horário noturno para a comunidade, buscando uma parceria na formação das crianças.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, U.F de (1996). o ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SILVA, P.L Sperb. A pré-escola e a construção da autonomia. Temas em Psicologia 7, 65-78. Psicologia Reflexão e Crítica, 2005,18(3),pp.370-380.
- BIDDULPH, Steve. O segredo das crianças felizes. p.132-133.

1º ENCONTRO:

- Apresentação;
- Conversa com os alunos sobre o projeto, explicação sobre os encontros, sobre a forma que iremos abordar o assunto...
- Criação dos combinados.

Anexo III

Projeto Procurando Nemo – a caminho da Cidadania

O Projeto “Procurando Nemo – a caminho da cidadania foi pensado a partir de uma discussão entre as professoras acerca da importância de trabalhar com as crianças da UMEI Cachoeirinha sobre o comportamento dos mesmos no espaço da escola, bem como em sua casa com seus pais.

Construir o aprendizado de **DIREITOS** e **DEVERES**, principalmente no início da infância fará com que a criança pequena cresça atenta a essas questões e se transformará em um adulto seguro, educado, que saiba se comportar em qualquer ambiente.

O projeto envolveu todos os escolares da UMEI Cachoeirinha.

Objetivos:

- Promover a percepção entre as diferenças e os diferentes, a partir de uma linguagem própria da Educação Infantil;
- Conceituar e diferenciar as deficiências na linguagem infantil.

Anexo IV

Projeto: Trabalhando o dia da Consciência Negra

Tratar a importância e valorização da cultura negra dentro da escola, criando espaços para manifestações artísticas que proporcionem reflexão crítica da realidade e afirmação positiva dos valores culturais negros pertencentes a nossa sociedade é fundamental.

Na escola, valores sociais e morais são reforçados e também é nela que muitos preconceitos são perpetuados de forma quase imperceptível. Portanto, é também na escola que se deve propiciar a reflexão crítica sobre esses valores.

Dentro da proposta de trabalhar na escola a valorização da cultura afro-brasileira, a elaboração e desenvolvimento desse projeto de arte e cultura negra visam a atender dois pré-requisitos básicos: o exercício da cidadania e vivência de valores através da apropriação da arte e da cultura.

O projeto tem por objetivo favorecer o desenvolvimento da expressão corporal, oral e cultural dos alunos, através da leitura dos livros propostos, música e arte.

Desenvolvimento

Leitura e trabalho com os livros:

- Clarisse – turma das Tartaruginhas (berçário)
- Meninas Negras – turmas dos Amiguinhas da Bolota (1 a 2 anos)
- Menina Bonita do Laço de Fita – turma do Peixe (2 a 3 anos)
- O menino de muitas cores – turma do Cavalo Marinho (3 a 4 anos)
- Bruna e a galinha D'Angola – turma do Tubarão (4 a 5 anos)

- Bonequinha Preta – turma da Estrela do Mar (5 a 6 anos)

Atividades

- Trabalhos artísticos
- Músicas africanas;
- Confecção de cartazes, bonecos, almofadas, utensílios, comidas típicas, instrumentos musicais, entre outros...
- Pintura;
- Apresentação de danças africanas, teatro;
- Feira de exposições

Materialidade

- Materiais de papelaria (cola colorida, tinta, brocal, entre outros...);
- TNT;
- Tecido americano cru;
- Livros literários;
- Argila;
- Bonecos de personagens dos livros;
- Espuma para almofadas
- Papel vegetal ou manteiga.